

Capítulo 4

A sublimação das pulsões do olhar

Os prazeres que envolvem o contato direto com o objeto e hipoteticamente teriam maior potencial de provocar excitações sexuais também não combinam com os ideais higiênicos venerados pela civilização.

A menstruação, por exemplo, foi e continua sendo objeto dos mais variados tabus. Se no passado remoto, o cheiro exalado pelo sangramento vaginal da mulher atraía o homem, no mundo atual, esse período é repudiado com frequência em termos de relacionamento sexual.

A higiene desempenhou papel fundamental para o desenvolvimento da civilização que por meio de seu acelerado crescimento evitou ou erradicou diversos tipos de doenças que de outra maneira poderiam colocar em risco a sobrevivência da espécie ou acarretar vários transtornos à saúde. Mas por outro lado, também limitou o prazer sexual.

Além do mais, não poderíamos deixar de mencionar que essa restrição do prazer sexual também se relaciona com a ênfase dada pela civilização às relações genitais em detrimento dos prazeres centrados em outras zonas erógenas, com a finalidade de perpetuar a espécie.

Dessa forma, o sexo foi funcionalizado no mundo civilizado com o objetivo de atender algumas finalidades sociais pré-estabelecidas. As formas de prazer dependentes de outros tipos de relacionamentos, como aquelas fora do relacionamento monogâmico entre um homem e uma mulher, e as que envolviam fundamentalmente outras partes do corpo, foram consideradas pervertidas ou, na melhor das hipóteses, toleradas como formas de pré-prazer, isto é, atividades que poderiam estar presentes no relacionamento sexual desde que estivessem submetidas ao prazer genital. Para Marcuse:

A gratificação dos instintos parciais e a genitalidade não procriadora são, de acordo com o grau de sua independência, consideradas tabus como perversões, sublimadas ou transformadas em subsidiárias da sexualidade procriadora. Além disso, a sexualidade procriadora é canalizada, na maioria das civilizações, para o âmbito das instituições monogâmicas. Este tipo de organização resulta numa restrição quantitativa e qualitativa da sexualidade; a unificação dos instintos parciais e sua sujeição à função procriadora alternam a própria natureza da sexualidade: de um “princípio” autônomo governando todo o organismo, converte-se numa função especializada e temporária, num meio para se atingir um fim. Nos termos do princípio de prazer que governa os instintos “não-organizados” do sexo, a reprodução é, meramente, um “subproduto”. (Marcuse, 1999, p. 55)

Por meio do princípio de realidade, inverte-se a relação de prazer e reprodução tal qual podemos depreender das características do princípio de prazer. O corpo é dessexualizado à medida em que a libido é desviada de sua meta original e dirigida para outras áreas em que o prazer não é o objetivo principal.

É certo que esses mandamentos culturais nunca foram totalmente cumpridos por um número considerável de indivíduos, mas que se descobertos, sofriam diversos tipos de repreensão que variavam desde discriminações até condenações à morte, como na época da inquisição.

No campo sexual, a expressão das pulsões voyeur e exibicionista foi considerada tanto perversões quanto formas de pré-prazer, ou melhor, componentes acessórios dos relacionamentos amorosos.

Nesse último sentido, tais pulsões serviam como elementos de excitação sexual preliminares à realização do coito. Assim, para que essas pulsões fossem vistas com “bons olhos” teriam que se apresentar em condições bem delimitadas e sob uma determinada ordem, isto é, deveriam anteceder o encontro genital, ser preparatórias para sua realização, não suplantá-lo em termos de intensidade de prazer e suceder-se na esfera privada.

Como podemos ver, essas pulsões sofreram, pelo menos no terreno sexual, um rígido controle cuja insubordinação poderia acarretar severos julgamentos morais e legais.

Considerando a repressão geral das pulsões sexuais, mais especificamente as voyeur e exibicionista, tivemos uma mudança no conteúdo e na forma de suas expressões.

A sublimação a que as pulsões são submetidas implica tanto em significativas alterações quantitativas quanto qualitativas de suas características.

Se pensarmos em termos de intensidade, a sublimação enfraquece de certo modo o prazer sexual. Em outras palavras, o prazer sublimado é de uma outra

natureza que não convulsiona o corpo da mesma maneira se comparada ao prazer que pode ser obtido em uma relação sexual. Como melhor disse Freud:

O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado. A irresistibilidade dos instintos perversos e, talvez, a atração geral pelas coisas proibidas encontram aqui uma explicação econômica. (Freud, 1997, p. 28)

Ao dessexualizar o corpo humano, limitando o prazer das mais variadas zonas erógenas, a cultura forma e deforma o indivíduo para o trabalho alienado.

O processo de formação do indivíduo implica em uma distribuição desigual de sua libido em áreas distintas da vida. Desigual, porque o trabalho árduo, imposto de fora e como uma das únicas alternativas de sobrevivência do indivíduo nesta sociedade, ocupa posição central para o investimento das pulsões psíquicas.

Na esfera sexual, a relação entre sujeito e objeto é recíproca; se o indivíduo dispõe de menos energia para dirigir aos seus objetos de amor, como esposa e filhos, consequentemente também terá que se contentar em receber menos. Nisso a civilização é extremamente democrática.

Marcuse chama a atenção para o fato desse sacrifício do prazer individual não ter se revertido em benefício geral para a humanidade, tal como era a promessa da civilização, em que o homem pudesse ser mais feliz, constituindo-se efetivamente um indivíduo, sem que a harmonia entre os membros da sociedade fosse rompida.

Contrariamente, tal sacrifício trouxe gratificação a uma restrita camada da população, mediante a exploração de muitos por poucos, o que contribuiu para suscitar as pulsões agressivas que tentam destruir a cultura. Se a civilização obteve certo “sucesso” no controle das pulsões do amor, o mesmo não aconteceu diante das pulsões destrutivas. Para Marcuse:

Ao longo de toda a história documentada da civilização, a coação instintiva imposta pela escassez foi intensificada por coações impostas pela distribuição hierárquica da escassez e do trabalho; o interesse de dominação adicionou mais-repressão à organização dos instintos, sob o princípio de realidade. O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso. (Marcuse, 1999, p. 54)

A partir dessa visão de uma dominação instituída que se distribui de maneira desigual entre os membros da sociedade e que está além do que seria realmente necessário para a coesão social, Marcuse desenvolve o conceito de mais-repressão.

Por outro lado, a questão qualitativa em relação à transformação parcial da libido, diz respeito tanto a forma de experimentar as pulsões quanto aos objetos a que elas se dirigem.

A criação e a apreciação estética constituem-se como uma das formas sublimadas em que as pulsões do olhar passaram a atuar na civilização. Nesse ponto, o conceito de beleza é de fundamental importância para a interpretação qualitativa dos objetos da esfera artística, como: a pintura, a música, a literatura etc.

As obras artísticas criadas por meio da sublimação das pulsões são consideradas como uma das realizações culturais mais importantes, assim como a ciência e a religião, devido ao seu alto grau de abstração e da distância estabelecida em relação às pulsões primárias, isto é, em face daquelas mais sedimentadas nos prazeres corporais.

Apesar de ser basicamente caracterizado por atividades penosas em que o prazer durante sua realização somente pode ser alcançado por poucos, o trabalho não exauriu a libido dos indivíduos. Na realidade, os indivíduos investem uma pequena parcela de libido nos trabalhos alienados e obrigatórios em razão de não gerarem prazer.

Penso que uma maior parcela de pulsão de morte (Tanatos) esteja envolvida nesses trabalhos se comparada à presença de Eros. Um dos poucos espaços em que Eros pôde se expressar na Cultura, além dos relacionamentos afetivos, foi nas apreciações estéticas. Ouvir uma música, reger uma orquestra, escrever uma poesia, assistir a um filme, pintar um quadro são exemplos de atividades que muitos indivíduos chegam até achar mais prazerosas do que próprio o ato sexual.

Além do mais, são prazeres essencialmente ligados às pulsões do olhar e por se apresentarem de forma sublimada, não são consideradas perversas. Quem pinta um quadro, geralmente não pinta só para si, mas quer que outros vejam e de preferência admirem sua criação. Indivíduos que apreciam a exibição de uma peça teatral não desejam apenas conhecer a história que está sendo encenada, mas querem se emocionar, rir, chorar e com isso obter o máximo prazer diante do espetáculo.

É importante mencionar que a arte nem sempre se apresentou com o intuito de encantar os olhos, constituindo-se como um objeto de beleza mediado pela sublimação. Contrariamente, como objeto de crítica social sua função foi frequentemente chocar o público, chamando a atenção para o horror. Nas palavras de Adorno:

Os artistas não sublimam. Crer que eles não satisfazem nem reprimem seus desejos, mas transformam-nos em realizações socialmente desejáveis,

suas obras, é uma ilusão psicanalítica; aliás, nos dias de hoje, obras de arte legítimas são, sem exceção, socialmente indesejadas. Antes, manifestam os artistas instintos violentos, de tipo neurótico, que eclodem livremente e, ao mesmo tempo, colidem com a realidade. (Adorno, 1993, p. 186)

Também não se pode esquecer da limitação dos sentidos imposta pela estética ao público que dela extrai seus prazeres. Basicamente dois sentidos são utilizados na fruição estética: a audição e na sua maior parte a visão, que são canais fundamentais para a atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

No entanto, a presença da fantasia é um elemento significativo a ser mencionado que torna mais complexa a atuação dessas pulsões. Com a fantasia, temos a capacidade do sujeito pensar algo a partir de um objeto mas que simultaneamente o ultrapassa. Projetar algo do sujeito no objeto, sem que este último perca sua dimensão objetiva e receber algo do objeto sem a anulação subjetiva.

Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam que essa seria a verdadeira projeção, em contraste com os dois tipos que eles conceituaram como falsa projeção: a paranóica em que o indivíduo projeta no objeto elementos subjetivos que ele não reconhece como pertencentes a si mesmo; e a positivista em que o sujeito, mediante o método, abstem-se de colocar suas impressões no objeto, em nome de uma suposta neutralidade científica. Para esses autores:

A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa. Quando o entrelaçamento é rompido, o ego se petrifica. Quando ele se esgota, no registro positivista de dados, sem nada dar ele próprio, se reduz a um simples ponto; e se ele, idealisticamente, projeta o mundo a partir da origem insondável de si mesmo, se esgota numa obstinada repetição. Nos dois casos, ele sacrifica o espírito. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 176)

Sem dúvidas que na criação artística, a fantasia apresenta-se de forma mais acentuada do que na mera apreciação. Mas é claro que para o observador se emocionar, para a obra tocá-lo não é suficiente apenas o que nela foi colocado pelo seu autor. É imprescindível que o sujeito projete nela seus medos, angústias, paixões e ideais.

Assim, as pulsões do olhar assumem outra conotação nas apreciações estéticas, exatamente por causa da existência de fantasias acompanhantes dos atos de observar e exhibir, que mostram a diferenciação do sujeito em relação à natureza efetivada por meio da cultura.

Não há dúvidas de que o objeto cultural tem sua importância na formação das fantasias subjetivas, pois elas não dependem exclusivamente do sujeito.

Quanto mais rico é o objeto em termos de autenticidade e complexidade, mais o indivíduo pode nele projetar e consequente liberar suas capacidades imaginativas.

As obras de arte possuem elementos que podem suscitar a produção de imagens e diversos tipos de sensações singulares cujos efeitos não são pré-estabelecidos claramente, em razão da ambiguidade que caracteriza sua linguagem.

A pornografia, por sua vez, não propicia a formação de fantasias em razão de o objeto se apresentar de forma explícita e decodificada frente à percepção subjetiva. A excitação do indivíduo se restringe basicamente ao imediato, a um estímulo cujo prazer a ser provocado não exige muitas mediações por parte do ego. Para Orfali:

Assim, a pornografia representa um certo declínio do imaginário fantasmagórico, da evocação metafórica do corpo. O fantasma pertence ao mundo do secreto e do possível, sua representação real (*live shows*) ou iconográfica dissolve qualquer mediação, qualquer imaginário e, no limite, qualquer transgressão. Sem dúvida, é por isso que a literatura pornográfica parece tão repetitiva e anônima. Os manuais de educação sexual mostram o funcionamento técnico da sexualidade, as revistas pornográficas, no fundo, mostram a mesma coisa acrescentando algumas variações pseudo-perversas. (Orfali, 2006, p. 600)

Por alimentar a imaginação, as fantasias permitem ao indivíduo uma maior liberdade diante dos estímulos sexuais. Seus desejos não ficam presos ao imediato, nem sua percepção vinculada a roteiros pré-estabelecidos.